

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Nicolas Araújo Girardi

**DEUS NO PENSAMENTO DE SPINOZA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Humberto Araujo Quaglio de Souza.

Juiz de Fora  
2019

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **NICOLAS ARAÚJO GIRARDI**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772077A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **DEUS NO PENSAMENTO DE SPINOZA**, desenvolvido durante o período de DEZEMBRO DE 2018 a OUTUBRO DE 2019 sob a orientação de HUMBERTO ARAUJO QUAGLIO DE SOUZA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e/ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 18 de outubro de 2019.

---

**NICOLAS ARAÚJO GIRARDI**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

## DEUS NO PENSAMENTO DE SPINOZA

Nicolas Araújo Girardi<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discorrer acerca do pensamento de Spinoza sobre Deus (Panteísmo), através de uma comparação com o Deus judaico-cristão, abrangendo a temática do racionalismo e da construção de uma teoria totalizante sobre o cosmos, presentes no pensamento do filósofo holandês do século XVII. A obra de Spinoza que servirá como norte deste trabalho é *Ethica, Ordine Geometrico Demonstrata* (Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras), especificamente a Primeira Parte de sua obra capital, na qual Spinoza, através de um raciocínio matemático e geométrico, expõe sua concepção de Deus. Serão abordados os conceitos de substância, atributo e modo, para uma melhor compreensão da metafísica de Spinoza, além de correlações com autores como Giordano Bruno, no qual se encontra um pensamento similar sobre a natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Panteísmo. *Natura naturans*. *Natura naturata*. Imanentismo. Força ativa.

### 1. INTRODUÇÃO

Baruch de Spinoza nasceu em Amsterdã, na Holanda, no ano de 1632. Seu pai, um judeu português, fugiu da Inquisição e tornou-se membro de uma pequena comunidade judaica em Amsterdã. Educado para ser um rabino na comunidade judaica de Amsterdã, Baruch de Spinoza, aos vinte e três anos, foi excomungado pela sinagoga devido ao seu pensamento considerado herético. O nome “Baruch” mudou-se para o equivalente latim, “Benedictus”, após Spinoza deixar de ser judeu. Também recusou as honrarias e cargos de professor bem remunerados a fim de preservar a independência intelectual. Spinoza sobrevivia, a partir de então, como polidor de lentes e professor particular de filosofia, falecendo no ano de 1677, em Haia, devido à tuberculose. Em 1663, Spinoza publicou os *Principia Philosophiae cartesianae* (Princípios da Filosofia Cartesiana); em 1670, o *Tractatus Theologico-Politicus* (Tratado Teológico-Político); porém, apenas postumamente é que foi publicada sua principal obra, *Ethica, Ordine Geometrico Demonstrata* (Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras). No mesmo ano em que o filósofo holandês faleceu, também é publicada outra obra, porém inacabada, o *Tratado da Reforma do Entendimento*.

A “Ética” de Spinoza é uma obra que se preocupa em demonstrar os axiomas “à maneira dos geômetras”, ou seja, de forma exata e sistemática. Vale destacar que Baruch Spinoza seguiu a tradição racionalista de René Descartes (1596-1650), a qual optava por uma construção teórica do mundo, ao invés da observação empírica dos fatos contingentes e particulares (o chamado Grande Racionalismo (COTRIM, 2013, p. 150) do século XVII foi representado por Descartes, Spinoza, Leibniz e Wolff, principalmente). Assim, não há muito espaço na filosofia de Spinoza para as contingências, pois há uma preocupação com a necessidade daquilo que decorre dos axiomas geométricos. Conforme se verá mais à frente, não cabe falar, dentro da concepção de Spinoza, que Deus age de livre vontade, tal como concebido pela teologia cristã. Por fim, cite-se uma forte influência para o pensamento de Baruch Spinoza sobre Deus no autor Giordano Bruno (1548-1600), que foi perseguido e morto pela Inquisição na cidade de Roma. O presente trabalho procura se focar na Primeira Parte da “Ética”, “De Deus”.

### 2. DEUS JUDAICO-CRISTÃO

Na tradição judaico-cristã, Deus muitas vezes é visto como um ente pessoal (Teísmo), que tem vontade como nós, ou amor, ou pensamento. Deus seria um ser transcendente, atemporal e eterno, que criou o tempo e o espaço, enfim, o universo. Esse Deus transcendente, além de criar o universo, continua agindo sobre ele, exercendo Sua Vontade sobre ele. Além disso, o Deus cristão cria por um ato de livre vontade, ou seja, só Deus é necessário enquanto todo o resto é contingente (poderia não existir). Portanto, Deus tem um poder separado do poder da natureza, visto que não é a mesma coisa. Esse Deus transcendente, portanto, criou o mundo (a natureza); ao mesmo tempo, não se mistura ao mundo material. Sob a perspectiva tomista de raízes aristotélicas, Deus seria o primeiro motor imóvel (COTRIM, 2013, p. 130).

---

<sup>1</sup>Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: nicolas.girardi@bol.com.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Humberto Araújo Quaglio de Souza.

[1073 a 23] O princípio, isto é, o primeiro entre os entes, é não-suscetível de movimento, em si mesmo e por concomitância, e promove o movimento primeiro e eterno, que é único [...]. (ARISTÓTELES, 2005, pág. 213).

### 3. DEUS NO PANTEÍSMO

No pensamento filosófico conhecido como Panteísmo, Deus tem um papel diferente, uma vez que Seu poder e o poder da Natureza são a mesma coisa, se confundem. Geralmente, a frase que é utilizada para explicar a filosofia do Panteísmo é *Deus sive Natura*, Deus Ou Natureza. Ora, mas se Deus e Natureza são idênticos, não se pode dizer que Deus criou o mundo: no Panteísmo, Deus é a causa do mundo, mas não criou o mesmo. Essa causa é imanente, e não externa, uma vez que Spinoza identifica Deus como uma substância que representa a força ativa, o élan vital, cujo produto é o mundo material (os atributos de Deus).

Proposição 18. Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas. Demonstração. Tudo o que existe, existe em Deus, e por meio de Deus deve ser concebido (pela prop. 15); portanto (pelo corol. 1 da prop. 16), Deus é causa das coisas que nele existem, que era o primeiro ponto. Ademais, além de Deus, não pode existir nenhuma substância (pela prop. 14), isto é (pela def. 3), nenhuma coisa, além de Deus, existe em si mesma, que era o segundo ponto. Logo, Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas. C. Q. D. (SPINOZA, 2009, pág. 15).

Outro aspecto importante da concepção propriamente spinozista de Deus que a difere do Deus judaico-cristão é que, em Spinoza, a “criação” de Deus (no sentido de causa imanente, e não transcendente) não é simplesmente resultado de um “capricho” divino, na medida em que Deus pelo simples capricho e por alguma vontade absoluta cria tudo o que existe. Em outras palavras, o que Spinoza defende é que Deus não possui vontade nem intelecto, pelo menos não da maneira pela qual concebemos vontade ou intelecto.

Se o intelecto e a vontade pertencem à essência eterna de Deus, é certamente preciso entender por esses atributos algo diferente daquilo pelo qual costumam ser vulgarmente entendidos. Com efeito, o intelecto e a vontade, que constituiriam a essência de Deus, deveriam diferir, incomensuravelmente, de nosso intelecto e de nossa vontade, e, tal como na relação que há entre o cão, constelação celeste, e o cão, animal que ladra, em nada concordariam além do nome. (SPINOZA, 2009, pág. 15).

### 4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO EM QUE SE DEU O PENSAMENTO DE SPINOZA

Baruch Spinoza, assim como René Descartes e Isaac Newton (1643-1727), concebiam um universo cujas leis não variam, cujos processos são mecânico-causais. As leis que regem o cosmos seriam, portanto, permanentes, invariáveis ao longo do tempo. A imutabilidade dessas leis é um pressuposto que permite que se possa compreender o funcionamento do cosmos, que sempre obedece às mesmas leis e processos mecanicistas. Hoje, sabe-se que muitos desses pressupostos não se sustentam mais, mas tê-los em consideração torna-se imprescindível para que se compreenda o modo como era concebida a natureza no século XVII.

Portanto, Spinoza, em sua explanação, entende Deus como sendo a base de sustentação e a condição subjacente da realidade como um todo. Um Deus imbuído da mais clara evidência e certeza racional, que se auto-constitui como sendo a causa de si e de todas as coisas; que se move em função de uma necessidade que lhe é intrínseca e gerada de sua própria essência, a rigor: por meio de processos mecânico-causais e de leis invariáveis, responsáveis pelo total funcionamento e ordenamento do mundo (ALKIMIM, acesso em 02 de março de 2019).

### 5. NATURA NATURANS E NATURA NATURATA

*Natura naturans*, do latim, significa “natureza natural”, indicando o verbo “fazer”, ou seja, “natureza natural” é a natureza de Deus, que é causa livre enquanto uma substância infinita com infinitos atributos. Significa dizer que Deus é o lado ativo da mecânica da Natureza, a causa imanente de tudo o que existe. Daí a expressão “Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus”, ou seja, para Baruch Spinoza, Deus é a força ativa e a causa interna de tudo o que existe.

Por sua vez, *Natura naturata*, do latim, significa “natureza já criada”, indica o lado passivo da mecânica da Natureza, o produto da força ativa da mesma, ou seja, lagos, montanhas, florestas, céu, toda a massa compacta das coisas que existem são o produto da causa imanente e interna que Spinoza chama de Deus. Deus, nesse sentido, não é idêntico ao mundo material em sentido estrito, mas a causa interna do mundo material e mecânico. Pode-se dizer, pois, que Deus é a Natureza em sentido amplo, mas, em sentido estrito, não. Em sentido estrito, Deus não é o mundo material, mas a causa dele.

Deus, para Spinoza, pode ser visto tanto sob um quanto sob outro desses aspectos: o primeiro é o lado ativo dessa mecânica, o segundo, o lado passivo da mesma. De fato, *Natura naturata* é o modo humano de identificar Deus, enquanto que *Natura naturans* é Deus na infinidade de seus atributos.

Espinoza identifica *Deus* com *Natura*. Assim, quando ele nos diz que *Natura* inclui tanto um aspecto *naturans* como um aspecto *naturata*, a conclusão natural seria que *Deus* deve ser identificado com esses dois aspectos. Deus simboliza tanto a dimensão ativa como a passiva da Natureza, aquilo que causa (ou “natura”) e aquilo que é causado (ou “naturado”) (NADLER, 2010, pág. 88).

## 6. PENSADORES INFLUENCIADOS POR SPINOZA

A distinção feita por Spinoza entre *Natura naturans* e *Natura naturata* é interessante para se compreender a ideia de Deus, na medida em que Deus pode ser concebido das duas formas – sob o aspecto da *Natura naturata*, Deus é o mundo material e concreto, enquanto que, sob o aspecto da *Natura naturans*, Deus é a causa subjacente e imanente do mundo material e concreto. Inclusive, o poeta alemão do século XVIII Johann Wolfgang von Goethe (GOETHE, 2014, p. 67) irá retomar a concepção panteísta presente na obra de Spinoza. Pode-se citar, ainda, outro importante filósofo influenciado pelo Panteísmo presente na obra de Spinoza, a saber, o alemão Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (BUCKINGHAM et al., 2011, p. 335) do século XVIII – XIX (um dos grandes expoentes do idealismo alemão) (COTRIM, 2013, p. 182). Por fim, vale ressaltar que o pensador francês do século XIX – XX, Henri Bergson (que desenvolveu a ideia de *élan vital*) (BUCKINGHAM et al., 2011, p. 226), ocupou-se de estudar o Deus de Spinoza ao esboçar a concepção panteísta do filósofo holandês, cujos comentários serão utilizados neste trabalho para uma melhor compreensão da metafísica spinozista.

## 7. DEUS É LIVRE?

Se o Deus de Spinoza, conforme vimos, não possui nem vontade nem intelecto da maneira pela qual concebemos esses atributos, então não seria possível dizer que Deus tem uma vontade absoluta de modificar tudo o que dele resulta e a si próprio. Para Spinoza, isso seria um absurdo. Logo, Deus é dito causa livre não no sentido de, por mero capricho e vontade, fazer com que as coisas sejam; mas no sentido de que nenhuma causa, extrínseca ou intrínseca, leva Deus a agir. Ou seja, só Deus é causa livre no sentido de que ele age exclusivamente pelas leis de sua natureza.

Desenvolver-se necessariamente, mas conforme sua própria essência, eis aí a verdadeira liberdade segundo Spinoza. É assim que uma definição geométrica, se tomasse consciência de si mesma e de seu desenvolvimento em teoremas, seria livre nesse sentido em que o teorema é apenas a expressão de sua natureza e não depende de nenhuma outra causa. Uma vez que Deus é a Substância única e é todo o ser, ele não pode ser tomado por nenhuma necessidade exterior a ele. Ele se desenvolve, portanto, de forma livre, ainda que necessária. (BERGSON, 2016).

## 8. SOBRE A PRIMEIRA PARTE DE “ÉTICA”, “DE DEUS”

A primeira parte de “*Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras*” trata de Deus, sendo que a maneira como o autor expõe seu pensamento está organizado em axiomas, proposições e um apêndice. De fato, Spinoza quis em sua obra que seu pensamento pudesse ser demonstrado à maneira dos geômetras, à maneira matemática e mais exata quanto possível. Spinoza concebe Deus como uma substância, um ente absolutamente infinito. O termo *substância* deve ser compreendido, na leitura de Spinoza, como algo que existe *em si mesmo* e *por si mesmo*, cujo conceito não depende de qualquer outro para que possa ser formado. Quanto aos atributos de Deus, Spinoza enumera dois dos infinitos atributos: corpo e mente. Em Spinoza, corpo e mente não são duas

substâncias distintas, como em Descartes (*res cogitans* e *res extensas*), mas dois *atributos* de uma mesma substância. Esses dois atributos (corpo e mente) são concebíveis por nós, ainda que tenham infinitos outros atributos. Por sua vez, cada atributo se manifesta através de infinitos *modos*. Por exemplo, os modos do atributo corpo e os modos do atributo mente são concebíveis por nós. Assim, os modos do atributo mente correspondem à infinidade de ideias possíveis, enquanto que os modos do atributo corpo, à infinidade de corpos possíveis.

Se abordamos Deus em seus atributos, todos eles infinitos, diremos que ele é natureza naturante: *natura naturans*. Se o vemos sob a perspectiva da infinidade de seus modos e mais particularmente nos modos que conhecemos - os modos do pensamento e da extensão -, diremos que ele é *natura naturata*. Em outros termos, é o mesmo ser que, visto na sua unidade e infinidade, é Deus propriamente dito; e, visto na sua multiplicidade e indefinibilidade, é o mundo das criaturas (BERGSON, 2016).

O que concebemos como amor, intelecto, desejo, vontade etc. são alguns modos (modos particulares, singulares) do atributo pensamento (mente), por exemplo. As coisas individuais e singulares (todos os corpos possíveis) são modos de outro atributo, a extensão (corpo). Esses dois atributos são os que podemos conceber, e a isso Spinoza chama de *Natura naturata*. Por sua vez, *Natura naturans* são os infinitos modos de cada um dos infinitos atributos que exprimem a substância também infinita e indivisível, que por decorrência da necessidade dos axiomas, existe por si mesmo. O Deus de Spinoza, neste sentido, é tão possível quanto uma circunferência, e existe da mesma forma que uma circunferência existe como objeto matemático.

Veremos que o spinozismo consiste essencialmente em conceber a existência no sentido puramente matemático, em identificar assim a realidade das coisas com a sua possibilidade e a tratar a relação dinâmica de causa e efeito como uma relação matemática do princípio à consequência (BERGSON, 2016).

O Deus de Spinoza também é impessoal, pois dizer que Deus é uma pessoa implicaria em dizer que essa substância una e infinita é limitada, o que seria uma contradição. Aqui, ressalte-se que René Descartes, contemporâneo de Spinoza, também critica a ideia de um Deus pessoal, embora o filósofo francês tenha postulado um Deus transcendente (DESCARTES, 2001, p. 40-41), que não se confunde com a natureza; diferentemente de Spinoza, para o qual Deus e natureza são o mesmo. No apêndice, Spinoza escreve:

Como consequência, cada homem engendrou, com base em sua própria inclinação, diferentes maneiras de prestar culto a Deus, para que Deus o considere mais que aos outros e governe toda a natureza em proveito de seu cego desejo e de sua insaciável cobiça. Esse preconceito transformou-se, assim, em superstição e criou profundas raízes em suas mentes, fazendo com que cada um dedicasse o máximo de esforço para compreender e explicar as causas finais de todas as coisas. Mas, ao tentar demonstrar que a natureza nada faz em vão (isto é, não faz nada que não seja para o proveito humano), eles parecem ter demonstrado apenas que, tal como os homens, a natureza e os deuses também deliram. Peço-lhes que observem a que ponto se chegou! Ao lado de tantas coisas agradáveis da natureza, devem ter encontrado não poucas que são desagradáveis, como as tempestades, os terremotos, as doenças, etc. Argumentaram, por isso, que essas coisas ocorriam por causa da cólera dos deuses diante das ofensas que lhes tinham sido feitas pelos homens, ou diante das faltas cometidas nos cultos divinos (SPINOZA, 2009, pág. 22).

## 9. INFLUÊNCIA DE PARMÊNIDES E GIORDANO BRUNO

O Deus de Spinoza assemelha-se à concepção desenvolvida por Giordano Bruno, que, por sua vez, retomou a obra de Parmênides (BUCKINHAM et al., 2011, p. 41) ao defender a ideia de que o universo considerado em sua totalidade é infinito, uno e imóvel. Giordano Bruno, ao considerar Deus como a causa imanente, e não externa de todas as coisas, influenciou, de certa forma, a obra de Spinoza, cujo foco está em demonstrar a imanência de Deus. Dessa forma, a concepção filosófica comum entre eles seria o Monismo, ou Imanentismo, que tem por premissa a ideia de que não há uma dualidade que separa a Natureza de Deus.

Passagem paralela de Giordano Bruno:

FILÓTEO – Eu considero o universo “todo infinito” porque não possui limite, nem temo, nem superfície; digo não ser o universo “totalmente infinito” porque cada parte que dele possamos pegar é finita, e cada um dos inúmeros mundos que contém é finito. Digo que Deus é “todo infinito” porque exclui de si qualquer termo, e cada um dos seus atributos é uno e infinito; e digo que Deus é “totalmente infinito”, porque está inteiramente em todo o mundo, e em cada uma de suas partes, infinita e totalmente: ao contrário da infinitude do universo que reside totalmente no todo e não nas partes (se nos é permitido, chamá-las “partes”, referindo-nos ao infinito que nele podemos compreender) (BRUNO, 1973, pág. 27).

Em “Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos”, o filósofo e teólogo Giordano Bruno (1548-1600), no seu “Diálogo Primeiro”, um dos interlocutores apresenta a ideia de Deus como um ente totalmente infinito que está inteiramente em todo o mundo, e em cada uma de suas partes. Ora, tal concepção se assemelha à ideia que será proposta na “Ética” de Spinoza, qual seja, de que Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus (Deus como a força ativa e causa imanente de todas as coisas). Ao final do diálogo, o personagem “Albertino” pondera sobre os ensinamentos do interlocutor, “Filóteo”, em que estão colocadas as principais doutrinas de Giordano Bruno a respeito do cosmos, que, em parte, reaparecem na obra de Spinoza, décadas depois.

Continue a fazer-nos conhecer o que é verdadeiramente o céu, os planetas e todos os astros; como são distintos, uns dos outros, os infinitos mundos; como um espaço infinito não é impossível, mas necessário; como um tal efeito infinito se ajusta a uma causa infinita; qual é a verdadeira substância, matéria, ato e eficiente do todo; e como, pelos mesmos princípios e elementos, toda coisa sensível e composta é formada. Insista, até convencer, sobre o conhecimento do universo infinito. Destrua as superfícies côncavas e convexas que limitam dentro e fora, tantos elementos e céus. Ridicularize as diversas esferas móveis e as estrelas fixas. Quebre e deite abaixo, com o estrondo e o turbilhão de vivas razões, estas, que o vulgo cego considera as adamantinas muralhas do primeiro móvel e do último convexo. Destrone-se a ideia de esta terra ser única e propriamente centro do universo [...] (BRUNO, 1973, pág. 96).

## 10. SPINOZA: PANTEÍSTA OU ATEU?

Baruch Spinoza, às vezes, é considerado ateu e não um panteísta, por reduzir Deus ao Mundo (ou Natureza). No entanto, apesar de Spinoza identificar Deus como a causa imanente e interna de todas as coisas, não seria a mesma coisa que dizer que Deus se resume às coisas materiais que percebemos ou à paisagem que observamos. De fato, os corpos que observamos na natureza são modos do atributo extensão, enquanto que as ideias que podemos conceber são modos do atributo pensamento, mas ao se levar em consideração a infinidade de atributos cada qual com uma infinidade de modos, Deus não se reduz àquilo que conhecemos. Em outras palavras, o que conhecemos é a *Natura naturata*, o lado passivo da mecânica cuja força ativa é a *Natura naturans*, concebida através de seus infinitos atributos e da infinidade da própria substância. O Deus de Spinoza é a causa subjacente à realidade perceptível, a causa imanente de todas as coisas. Outro aspecto importante é a palavra “causa”, que é concebida por Spinoza não como um *ato sobrenatural*, mas como uma relação matemática de princípio e consequência, puramente mecânica e racional.

Na conceituação de Spinoza, a substância (essência e natureza que é Deus) somente pode ser entendida no tocante a dois aspectos: “natura naturans”, que significa o status criativo da natureza, funcionando como um élan vital, que produz a vida e é extremamente ativa nesse processo, enquanto força fundacional que instaura e regula a dinâmica da natureza. De outra feita, está o que ele denomina de “natura naturata”, que é o que já foi criado e construído em termos de natureza: formas externas variadas como montanhas, vales, vegetações, ventos, águas, florestas, entre outras. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a “natura naturans”, e não a natureza material e compassiva (“natura naturata”, o mundo strito sensu), é idêntica a Deus e se confunde à Sua essência e substância (ALKIMIM, acesso em 02 de março de 2019).

Para os que acreditam que Spinoza era ateu, ou seja, que sua filosofia é puramente materialista e nada tem a dizer sobre Deus propriamente, baseiam-se na ideia de que o Deus de Spinoza nada mais seria que um “nome” que ele dá à totalidade das coisas que existe, ao mundo. De fato, na filosofia de Spinoza Deus é um

nome propriamente, mas com uma diferença crucial: o nome “Deus” não se refere *apenas* aos atributos e modos que nos são possíveis conhecer, ou seja, Deus não é apenas *Natura naturata*, mas, sob o aspecto da infinidade de seus atributos, *Natura naturans*. Em outras palavras, há sim um Deus em Spinoza, certamente não o Deus dos cristãos, dos muçulmanos ou dos judeus (tendo em consideração as três grandes religiões monoteístas), nem o Deus metafísico de Aristóteles; mas o Deus do Panteísmo, que é o próprio mundo enquanto élan vital e força ativa.

## 11. CONCLUSÃO

Baruch Spinoza foi fortemente influenciado em sua concepção sobre Deus por autores como Parmênides e Giordano Bruno, que postularam a ideia de que o cosmos é, em sua totalidade e essência, algo imutável e infinito, ao passo que suas partes (isto é, aquilo que captamos com os sentidos) são finitas e mutáveis. Ora, pode-se traçar um paralelo com o Deus de Spinoza uma vez que, em sua concepção, Deus seria tanto *Natura naturans* quanto *Natura naturata*; ou seja, Deus enquanto tal seria o próprio universo em sua totalidade e infinidade, ao passo que as coisas materiais que vemos, tocamos ou ouvimos corresponde às partes deste todo.

É por esse motivo que Spinoza se enquadra como um filósofo racionalista, uma vez que ele constrói uma perspectiva metafísica da realidade, tendo em consideração o fato de que Deus é o próprio universo em sua totalidade. Mas, ao mesmo tempo, Spinoza não pode ser considerado um deísta no sentido da Teologia cristã, judaica ou islâmica, pois, na concepção do pensador holandês, Deus não está *fora* do universo, não está *além* da realidade enquanto tal e, portanto, não *criou* o mundo por um ato sobrenatural ou transcendental. Certamente, a perspectiva de Spinoza o colocou em conflito com a tradição uma vez que o filósofo desenvolve a ideia de um Deus imanente, ao passo que outros pensadores do século XVII, como Descartes, manterão a ideia de que Deus é um ser transcendente que criou o tempo e o espaço.

Além disso, outra questão bastante relevante no pensamento de Spinoza sobre Deus é o tema da liberdade. Na tradição judaico-cristã, Deus, que é atemporal e eterno, cria tudo do nada por um ato de livre vontade, ou seja, tudo o que existe é meramente uma contingência, pois os seres criados não têm em si mesmos a finalidade da própria existência. Apenas Deus, nessa concepção, é que seria o fim último de tudo o que existe, na medida em que as coisas são porque Deus as criou do vazio absoluto. Ora, na visão spinozista, Deus não possui livre vontade da maneira pela qual se concebe na tradição teológica cristã, mas, ao contrário, Deus age de acordo com as leis da própria natureza, tal como uma equação matemática que, se tomasse consciência de si mesma, resolver-se-ia por força da necessidade que decorre de seus axiomas. Assim, pode-se constatar que, para Spinoza, Deus é “livre” no sentido de que nenhuma causa extrínseca ou intrínseca leva Deus a agir. Com isso, as contingências e as incertezas que fazem parte do nosso modo de existir acabam ficando em segundo plano na obra de Spinoza devido à sua tentativa de construir um sistema totalizante sobre o cosmos de caráter metafísico.

Percebe-se, pois, que Spinoza não considera Deus como uma pessoa ou como um ser que possua vontade ou intelecto como nós, uma vez que Deus é uma substância infinita e absoluta que é idêntica ao próprio universo (Natureza) enquanto totalidade, e causa imanente de tudo o que existe. Dessa forma, Spinoza mantém a premissa de que o universo considerado como uma totalidade é uno e imutável, ou seja, de que o todo é sempre igual a si mesmo e permanece sempre o mesmo, enquanto que as partes que compõem este todo são mutáveis e transitórias. Deus sob o aspecto da *Natura naturata* seria o mundo material, o mundo das “criaturas”, o mundo do fluxo e transformação contínuos – em outras palavras, Deus sob o aspecto da *Natura naturata* é a realidade que captamos através dos nossos sentidos, é a realidade que observamos e experimentamos na sua multiplicidade e no seu fluxo contínuo. Sob o aspecto da *Natura naturans*, Deus é o universo enquanto um todo imutável e infinito.

Por fim, deve-se levar em consideração o contexto no qual Spinoza escreveu, tendo em mente a forma como o universo era concebido no século XVII, e a própria proposta do autor, que é a de construir uma teoria e um sistema total sobre o cosmos, o que justifica o fato do mesmo ser enquadrado como um pensador racionalista, ou seja, que se ocupa mais em esboçar uma teoria geral do que, propriamente, atentar-se às contingências e às incertezas do conhecimento obtido através da experiência sensorial. Neste sentido, Spinoza foi um pensador de grande relevância na história da filosofia e, até mesmo, na história das concepções religiosas, ao ficar conhecido como um grande representante da doutrina panteísta (“Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus”).



## REFERÊNCIAS:

ALKIMIM, Alexandre Flores. **O Conceito De Deus Em Baruch Spinoza**. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=alkimin+bula+revista+spinoza&oq=alkimin+bula+revista+spinoza&aqs=chrome..69i57.8008j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8#>>. Acesso em: 02 de março 2019.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Disponível em: <<https://philpapers.org/archive/ANGMDA.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro 2019.

BERGSON, Henri, 1859-1941. **Spinoza, por Henri Bergson**. Disponível em: <<https://escolanomade.org/category/henry-bergson/>>. Acesso em: 15 de setembro 2019.

BRUNO, Giordano. **Sobre o Infinito, O Universo e os Mundos**: com a Epístola Preambular.(Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

BUCKINGHAM, Will et al. **O Livro da Filosofia**. [tradução Douglas Kim]. – 17. ed. São Paulo: Globo, 2011.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: História e Grandes Temas**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARRETT, Don et al. **Interpretando Espinoza: ensaios críticos** / editado por Charlie Huenemann; tradução Getulio Schanoski Jr. – São Paulo: Madras, 2010.

GOETHE, Johann Wolfgang von, 1749-1832. **Fausto: uma tragédia** – primeira parte; tradução de Jenny Klabin Segall; apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

SPINOZA, Benedictus de, 1632-1677. **Ética / Spinoza**; [tradução e notas de Tomaz Tadeu]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.